

JUDAS-ASHVERUS, UMA NARRATIVA DECADENTISTA

Cláudia de Socorro Simas Ramos¹

RESUMO: A literatura, como já sabemos há muito, é um campo fértil para o conhecimento de si, de um lugar, de um momento ou época, porque é ambiente de elaboração humana. É também o que permite que nós visitemos outras épocas, outros momentos, conheçamos situações que não constam da história oficial do país, e que nos ajudam a nos entendermos dentro da nação. Assim, este artigo trata do decadentismo presente na narrativa literária de “Judas-Ashverus”, de Euclides da Cunha, no livro *À margem da História*, que teve sua primeira edição em 1909. Nosso objetivo é analisar a noção de decadência na escrita do conto narrativo, na ascensão do ciclo da borracha na Amazônia, a partir deste autor que nos legou o documento-obra literária *Os sertões*, em 1902, percebendo um contexto de desigualdades sociais no Brasil, que com modificações, perdura.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides da Cunha; Literatura; Ciclo da borracha; Judas-Ashverus; Decadentismo.

ABSTRACT: Literature, as we have known for a long time, is a fertile field for the knowledge of oneself, of a place, of a moment or time, because it is an environment for human elaboration. It is also what allows us to visit other times, other moments, get to know situations that are not in the official history of the country, and that help us to understand ourselves within the nation. Thus, this article deals with the decadence present in the literary narrative of “Judas-Ashverus”, by Euclides da Cunha, in the book *À Margem da História*, which had its first edition in 1909. Our objective is to analyze the notion of decadence in the writing of the short story narrative, in the rise of the rubber cycle in the Amazon, based on this author who bequeathed us the literary work-document *Os sertões*, in 1902, perceiving a context of social inequalities in Brazil, which with modifications, persists.

KEYWORDS: Euclides da Cunha; Literature; Rubber cycle, Judas-Ashverus, Decadentism

¹ Doutoranda em literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ (2019). Pesquisadora bolsista FAPEAM (2019). Mestre em Letras, Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas UFAM (2017), possui graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (2002). Professora Efetiva de Língua Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação - AM (SEDUC) e Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Participa do Grupo de Pesquisa Literatura em Estudos Transdisciplinares e Residuais – LETRAR da Universidade Federal do Amazonas. E-mail claudiasimas88@gmail.com

A ECONOMIA GOMÍFERA E EUCLIDES DA CUNHA

O Brasil, tendo sido a única colônia portuguesa das Américas, e cercado por países de língua espanhola, tem, por diversos motivos, uma história muito particular. Muito da nossa diversidade vem se dando a conhecer através da nossa literatura, tanto quando pensamos em quem narra, quanto por quem passou a escrever e, no início do século XX, vimos nascer uma obra significativa, com Euclides da Cunha.

A fase da economia gomífera aconteceu décadas após a Independência, perpassando o Império, indo até a primeira República, entre 1880 e 1913, período áureo dessa atividade. Tanto nordestinos como estrangeiros de diversos países são atraídos para a Amazônia pela falsa expectativa de enriquecimento rápido no trabalho de extração da borracha, gerada pela difusão de “boatos” e também pela vinda de investidores externos, que se fixaram nas duas principais cidades da região, Belém (PA) e Manaus (AM).

As primeiras explorações do látex deram-se nas proximidades de Belém e na região das ilhas, Marajó, Rio Xingu e Jari, no Pará. As populações Tapuia e Cabocla passaram a se dedicar inteiramente ao trabalho de produção da borracha, abandonando a agricultura e, mais tarde, tentaram aumentar a produção da borracha, devido a maiores demandas de exportações para Europa e Estados Unidos.

Para aumentar a produção utilizaram uma técnica chamada de arrocho², que extrai de forma mais rápida a borracha, determinando também o aumento da mão de obra para o seringal, trazendo uma população maior de famélicos de origem nordestina, expulsos pela seca da sua região.

A técnica de arrocho causava a morte de grande quantidade de árvores, fazendo com que muitos seringueiros fossem obrigados a avançar cada vez mais para o interior das florestas, atrás de novas seringueiras. Dessa forma, muitos seringueiros avançaram para as áreas dos rios Tapajós, Madeira, Purus e Juruá, chegando até o atual Estado do Acre que, à época, não tinha esse nome e pertencia à Bolívia, o que gerou conflitos entre o Brasil e a Bolívia e culminou com o tratado de Petrópolis, feito pelo Barão de Rio Branco.

É nesse contexto que Euclides da Cunha se desloca para a Amazônia, como funcionário do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, com intuito de demarcar o

² Técnica que consistia em ferir a seringueira de alto a baixo e em seguida amarrá-la fortemente com cipós visando extrair todo látex.

rio Purus e contribuir para as definições de fronteiras do país com o Peru e Bolívia. E, de acordo com Euclides da Cunha (1905)³ a viagem foi morosa, “Não podíamos avançar aferradamente”. Nota-se que essa morosidade no deslocamento, que também ocorria em direção a outras regiões, será representada pelo autor no início de *Os Sertões*, em “A Terra”.

Euclides desejava atingir o objetivo, isto é, as cabeceiras do Purus e, é através dessas missões que o autor descreve as peculiaridades de sua viagem: “Estamos agora em regiões povoadas por peruanos, mas sentir-me fora de casa tenho novo alento, maior entusiasmo e segura resolução de seguir.” E continua: “Partimos de Curanja a 5 de julho. Íamos para o misterioso. Não pode negar-se que até aquela data existia entre nós e as nascentes do Purus, descido, um desmensurado telão, nô-las escondendo.”

Ao retornar para Manaus, ele retoma os estudos e pesquisas na Biblioteca, e no Arquivo Estadual acessa os conhecimentos necessários para escrever o relatório para o Barão de Rio Branco, como também elabora as primeiras páginas do livro “vingador”: *Um Paraíso Perdido. À Margem da História*. Nesta obra ele denuncia o coronel da borracha, o seringueiro, que era o patrão da monocultura, o dono e senhor absoluto dos seus domínios, chamando a atenção para que não esquecessem o que havia do outro lado de tanta riqueza, o seringueiro explorado, o nordestino pobre retirante que fugia da seca, da miséria.

É preciso ter em mente que é este mesmo Euclides aquele quem, após perfilar-se com o governo central através de dois artigos no jornal *O Estado de S. Paulo*, havia sido convidado a cobrir os momentos finais do conflito em Canudos, no interior da Bahia. E, como podemos observar lendo sua obra, uma coisa foi defender que o governo adotasse medidas exemplares para debelar aquele conflito, outra coisa foi ver a tremenda desproporção de força que se abateu sobre aqueles sertanejos desprovidos de tudo, como foi feito pela estrutura militar brasileira contra os de Canudos. Se lembrarmos as palavras com que finaliza a narração do conflito em *Os sertões*:

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos...
E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele

³ Trecho de uma entrevista de Euclides da Cunha, publicado no *Jornal do Comercio* de 29 de outubro de 1905.

Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante — e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa História ?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5.200, cuidadosamente contadas. (CUNHA, 1985, p. 571)

Podemos, então, afirmar, que nos escritos de Euclides da Cunha nos é oferecido aquilo que viu, ainda que com os olhos do Engenheiro Civil e funcionário público; o darwinista, mas que teve a atenção de observar, oferecendo com frequência artigos publicados em jornal e, em razão da morte precoce, pode elaborar poucas e poderosas obras.

Este é o caso do já mencionado *À margem da história*, publicado postumamente, que é composto por: Primeira parte - Terra Sem História (Amazônia): Impressões Gerais; Rios em Abandono; Um clima caluniado; Os Caucheiros; Judas-Ahsverus; “Brasileiros”; Transacreana. Imaginamos que, como em *Os sertões*, Euclides comporia outras partes, mas não houve tempo. Dizendo de outro modo, esta obra foi composta por capítulos sobre a região amazônica, outros voltados a estudos americanos e ensaio histórico.

Como dizíamos, nesta obra o autor denuncia o coronel da borracha, o seringueiro, que era o patrão da monocultura, o dono e senhor absoluto dos seus domínios, ao mesmo tempo em que traz a situação de exploração a que era submetido o seringueiro, em geral um nordestino retirante da seca.

Era aparentemente livre, uma espécie de assalariado de um sistema absurdo, com uma estrutura concentracionária do seringal, pois o patrão dono do barracão atuava também como a autoridade civil e militar, impunha-se pela força, perseguia e punia brutalmente, tal qual se fazia com os escravos, o que obrigava o seringueiro a se tornar uma espécie de escravizado econômico e moral do coronel da borracha, como lemos no trecho:

Longe, sempre à margem do rio, o barracão do senhor do seringal, onde o patrão opulento estadeia o parasitismo farto, a mais criminosa organização de trabalho que ainda engendrou o mais desaçamado egoísmo, pois o seringueiro e não designamos o patrão opulento, se não o freguês jungido à gleba das estradas, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se. (CUNHA, 1905, p. 11)

Novamente, o autor de *Os sertões* nos permite conhecer situações do nosso povo, do nosso passado, que custaram a chegar à superfície. Dessa forma, como vemos na obra, o seringueiro já chegava com dívidas da viagem feita do Nordeste até os seringais do Norte, pois as passagens eram pagas pelo dono do barracão:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, numa gaiola qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dous pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dous carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. (CUNHA, 2006, v.1p. 259)

Num tempo em que nem eram mencionados direitos trabalhistas ou condições dignas de trabalho, e devido ao isolamento no meio da floresta, o seringueiro ao chegar era obrigado a comprar as mercadorias de primeiras necessidades, tais como sal, víveres, redes, pólvora e fósforos, no barracão. Ou seja, o primeiro acontecimento nesta relação desigual é o trabalhador endividar-se, como vemos:

Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talhe de machadinha, ainda é o brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000 (CUNHA, 2006, v. 1, p. 259).

O dinheiro para pagar as passagens e essas mercadorias era ganho com o trabalho de cortar seringa e recolher o látex. Mas, como o preço cobrado pelas mercadorias era muito alto, o dinheiro ganho com o látex nunca era suficiente para pagá-las, o que acarretava dívidas enormes no barracão, não conseguindo assim o seringueiro escapar ao seu destino.

Este tema já aparecera na obra primeira obra do autor, assim como a riqueza de detalhes da situação material de que trata: em *Os sertões* a região seca e desprovida de

qualquer atenção do Estado, aqui, como vimos acima, a escravidão materializada no endividamento. O conto intitulado Judas Ashverus relata os sentimentos dos nordestinos diante dessa dura realidade.

JUDAS-ASHVERUS, UMA NARRATIVA DECADENTISTA

De acordo com Milton Hatoum (2002) “Euclides trouxe a lenda antiga do Judas-Ahsverus para um rio da Amazônia, num dia e lugar determinado: O sábado de aleluia às margens do Purus”, (HATOUM, 2002, p.325), trazendo, assim, o significado maior de dois traidores, o Judas⁴, responsável pela crucificação de Jesus e a de outro judeu o errante, que teria injuriado Jesus no momento da crucificação, e por isso foi amaldiçoado a andar sem rumo pela terra.

A narração demonstra a decadência e todo pessimismo infligidos aos seringueiros; é na “malhação” do Judas no sábado de aleluia, que Euclides narra uma cena singular de um Judas monstruoso feito de meias entumecidas pelo recheio de trapo:

E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta; pinalhe as sobrancelhas, e abre-lhe com dois riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda servíveis; calça lhe umas botas velhas, cambadas... Recua meia-dúzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a. Em torno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha. Volve ao seu homúnculo: retoca-lhe uma pálpebra; aviva um ricto expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e reifica-lhe as vestes... (CUNHA, 2006, p. 55)

E, como podemos perceber nessa passagem, o Judas aparenta as mesmas fisionomias do seringueiro, como se criador e criatura se assemelhassem, causando susto e horror aos filhos dos seringueiros ao perceberem tamanha semelhança: “e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o

⁴ Bíblia: Judas trai Jesus (Mt 26.1-5, 14-16; Mc 14.1-2, 10-11; Jó 11.45-53)

vulto do seu próprio pai”. (Idem). Nessa situação degradante, era como se nem mesmo Deus se lembrasse de passar nessas tristes paragens:

(...) certo, o redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfrequentados rincões. (CUNHA, 2006, p.55.)

A situação de decadência e desesperança apresentada em Judas-Ashverus traz o seringueiro, junto à natureza sem ilusões, pois não se move aos rogos aceita a fatalidade, o seu destino e submete-se sem nenhuma tentativa de evasão ou de cair na tentação covarde de um pedido a Deus, com os joelhos dobrados, tudo é sentido como inútil:

Não tiveram missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava-pés tocantes, nem prédicas comovidas. Toda a Semana Santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora. (CUNHA, 2006, p.56)

Rezar seria, portanto, acovardar-se; orar, segundo o texto, suplicando uma saída ou um consolo seria um mecanismo de fuga. Pior, seria um esforço inútil, pois o seringueiro tinha a consciência da distância que o afastava dos homens e, além do mais, Deus não poderia dirigir seu olhar àqueles brejais correndo o risco de se macular.

Se nos lembrarmos de que o Brasil fora a nação em que a escravidão, na modernidade, teve a duração mais longa; que por ter sido colonizado por um país Católico como Portugal, também se construiu sob o Cristianismo, o que não impediu a manutenção do regime escravista⁵, mesmo após o fim da escravatura nada se fez para incluir os ex-escravizados ao país como parte da população, faz sentido que circulasse essa ideia de que em alguns lugares não se era digno de receber a atenção do divino.

⁵ “No Sermão XIV, pregado aos pretos de uma Irmandade do Rosário, em 1633, Antônio Vieira faz um lamento em favor da escravidão: “Oh, se a gente preta tirada das brenhas da sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus, e a sua Santíssima Mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre, e grande milagre!” (Vieira, 1954: 26-27). Como um voto de gratidão, o escravo era “persuadido”, não coagido, a “optar” pela obediência, aceitando o seu destino de cativo.” (SANTANA, 2007, p. 4)

Além disso, na citação acima podemos ver figurada a situação de escassez e penúria, bem como grandes e constantes dificuldades em que se encontram os seringueiros, pois se alguns jejuavam pela data especial, para aqueles desprovidos materialmente os jejuns faziam, obrigatoriamente, parte da rotina, não era uma escolha.

Chegam, então, à conclusão de que não valia a pena arrepender-se, o que seria um modo cuidadoso de se revoltar, protestando por uma bem-aventurança. Seu destino era dos piores, não seria ouvido, pois “nas capelas, nas igrejas, nas catedrais e nas cidades ricas havia, certamente, concorrentes mais felizes, mais bem-protegidos” (CUNHA, 2006, p.56).

Observamos assim nas nossas leituras, que essa narrativa é construída através de pessimismo e abatimento, que fazem referência às grandes injustiças sociais, e às enormes distorções e drama do seringueiro em um espetáculo da falta de esperança na tão prometida modernidade, pois havia uma grande contradição entre o senhor do seringal com sua fortuna que corriam livremente e o sofrimento infligido ao seringueiro.

Além disso, de acordo com as reflexões de Schopenhauer (1788 - 1860) o “tédio e o sofrimento da existência só podem ser neutralizados pela anulação da vontade” (2001), de modo que, mesmo quem não leu o filósofo alemão, diante das situações adversas procura ater-se ao possível e à luta pela sobrevivência, como podemos observar na seguinte passagem do conto “Judas-Ashverus”: “Ali, – é seguir, impassível – e mudo, estoicamente, no grande isolamento da sua desventura” (CUNHA, 2006, p.56).

Milton Hatoum também pontua os aspectos trágicos, decadentes narrados por Euclides da Cunha:

(...) o sertanejo-seringueiro já não é mais um homem que se deixa arrebatar por superstições absurdas. Não há, na visão do narrador, um julgamento sobre a religião ou qualquer tipo de crença ou superstição do seringueiro. Ao contrário, o ritual religioso é narrado como um movimento de descenso, sempre para baixo guiado por uma visão sombria e pessimista de seres que não encontram redenção na fé, tão pouco recorrem à reza, a pertinência ou a queixa (HATOUM, 2002, p.326).

A estrutura narrativa de descida dos vários Judas fabricados pelos seringueiros demonstra o declínio e o tédio, numa alusão decadente de um círculo quase demoníaco no seu eterno giro, ao rodopiar nas águas as margens do Purus. São homens que se culpam, pois para eles foi a sua ganancia de querer também enriquecer em terras distantes que os engendrou nessa situação. Malhar o Judas seria, assim, uma expiação

de vingança, pois “no sábado de Aleluia (...) os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.” (CUNHA, 2006, p. 56).

O narrador também compara os Judas a uma assembleia: “Há a ilusão de um estupendo tumulto sem ruídos e de um estranho conlíabulo, agitadíssimo, travando-se em segredos, num abafamento de vozes inaudíveis”. (Idem). O seringueiro sente, assim, todo o seu descrédito enquanto homem, pois ele se compara a uma pequena criatura sem identidade, o boneco Judas, numa metamorfose, aprisionado em um ofício solitário numa exploração que gera decadência e abandono.

É certo que todo texto literário é carregado de simbologia e imagens, inclusive quando composto por um engenheiro, por formação, pois ainda que apareçam nos textos de Euclides da Cunha dados da geografia local, ou da materialidade da vida, isto não significa que o autor tenha aberto mão do uso figurativo dos vocábulos, como na relação de feitura do boneco com o seringueiro que o confecciona.

Outro aspecto que podemos salientar nas análises feitas sobre *À Margem da História* é sobre as influências do livro de Euclides nos autores realistas- naturalistas do Amazonas como, por exemplo, *o Inferno Verde* de Alberto Rangel, na qual o autor relega a Amazônia ao esquecimento, em um preciosismo vocabular, que representa a Amazônia em seu infernismo⁶.

Para outro autor, Mário Ypiranga Monteiro (1976), o tema do ciclo da borracha “[...] é o principal motivo do infernismo literário, o qual consiste em escandalizar a paisagem e explorar a tragédia em torno da figura opressora do coronel da borracha e da consequente submissão do seringueiro” (MONTEIRO, 1976, p.41). A ficção da borracha padeceria, segundo sua avaliação, de um tautologismo, ao repetir desgastadamente sempre os mesmos aspectos. O infernismo realista-naturalista que começaria, então, com a influência de Euclides da Cunha, o que nos leva a outra reflexão: como um autor considerado pré-modernista influenciou várias obras realista-naturalistas na Amazônia?

De acordo com Sousa (2010) “embora Euclides da Cunha seja mais associado ao movimento pré-modernista na medida em que emerge de sua narrativa uma forte crítica à realidade brasileira, sua obra pode ser associada à literatura naturalista do final do século XIX”. Pois, “o movimento naturalista, como é sabido, tinha como característica principal uma íntima ligação com o cientificismo positivista de August Comte e uma

⁶ O Infernismo literário de acordo com Neide Gondim, (2007) é “ficcionalizar a natureza composta de mato e água, ocasionalmente, o nativo é demonizado ou piedosamente retratado, é incluído no quadro efênico/infernismo. Sendo ainda, muitas vezes, um intruso no processo de invenção da Amazônia.

forte crença segundo a qual o mundo social poderia ser explicado a partir das forças da natureza”. (SOUSA, 2010, p.3).

Neste momento, pode ser de utilidade nos lembrarmos de que essas divisões e classificações de arte e literatura tem muito de construção e organização inspirados nos manuais críticos sobre literatura do professor Antônio Candido (1965), numa única ordem, de apenas uma via, tautológica⁷ e teleologia modernista⁸. Tendo isto em mente, não devemos nos esquecer de que diversos autores e mentalidades conviveram através dos tempos, sobretudo em fins do século XIX e início do século XX, o que ajuda a entender como Euclides pôde influenciar os autores amazonenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a formação de Euclides da Cunha como engenheiro, que já mencionamos, e seus trabalhos como funcionário público, que o levaram a entender de geografia, geologia e conhecer partes do Brasil tidas como periferia, tendo sido também o que o levou à escrita, suas obras tem uma forma muito particular de narrar, trazendo dados sobre a geologia local, distâncias; em *Os sertões* temos elencadas várias secas anteriores ao momento do conflito em Canudos, o que é muito útil para entendermos em que ambiente se desenvolviam a exploração, mas também, os sentimentos daqueles homens e mulheres.

Á *margem da história*, já desde o título, demarca um lugar social de exclusão. Quando observamos o vocabulário utilizado ao longo da narrativa, podemos perceber como era a situação de desimportância de toda uma população, que deveria, mas não era efetivamente parte integrante da nação brasileira. Vemos: “dias tristes”, “mesmice torturante”, “existência imóvel”, “seringueiro rude”.

Quando observamos, por exemplo, a feitura do boneco do Judas, ricamente descrita e que até hoje se faz do mesmo modo, acabamos também percebendo que este mesmo Judas pode representar o próprio seringueiro e sua penosa situação, como vemos abaixo:

O judas faz-se como se fez sempre: um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosidos, cheios de palhiças e molambos; braços horizontais, abertos, e pernas em ângulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, apumando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando a cabeça. É o manequim vulgar, que surge em toda a parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estátua, que é a sua obra-prima, a criação espantosa do seu

⁷ Ao lermos Antônio Candido (Literatura e Sociedade, 1965) e Alfredo Bosi (História Concisa da Literatura Brasileira, 1994), percebemos uma intertextualidade com José Verissimo (História da Literatura Brasileira, 1969) no entendimento de *Os Sertões* como obra entre a Literatura e a sociologia.

⁸ A literatura podemos dizer é organizada no sentido teleológico para chegar à culminância do modernismo.

gênio rude longamente trabalhado de reveses; onde outros talvez distingam traços admiráveis de uma ironia sutilíssima, mas que é para ele apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa. (CUNHA, 2006, p. 55)

Deste modo, lembrando que o boneco do Judas é feito para ser apedrejado, receber pauladas, ou seja, é para ser castigado sem dó nem piedade, e pensando que existe um espelhamento entre esse boneco que é feito e o seringueiro que o produz, constrói-se, então, uma metáfora da vida daqueles pobres infelizes, que parecem ter nascido para serem castigados.

Além disso, podemos perceber que o narrador entende que o seringueiro está naquela situação de penúria pela ganância que o inspirou a ir para a Amazônia, atrás de vida melhor, nas duras palavras “O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vingasse de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra” (CUNHA, 2006, p. 56), quando já aprendêramos com o próprio Euclides que a questão da desigualdade social, entre as regiões do país, é estrutural, tanto no que tange às características naturais do sertão, quanto pelas escolhas de governo, em privilegiar alguns setores em detrimento de outros.

Não devemos nos esquecer de que este conto, diferentemente de *Os sertões* que eram relatos de um extenso conflito, concentram-se num único episódio, quase ao estilo do teatro grego que se passava em torno de um dia; de modo que a narração de um dia especial, que é o sábado de aleluia, acaba se configurando na encenação do próprio drama que vivem pessoas brasileiras que o país tratava como estranhos; que ao fugir de uma situação de miséria e degradação caem em outra situação de miséria e escravização.

Uma situação bastante diferente do momento vivido pelo país, de regime republicano recente, mão de obra europeia assalariada para substituir os escravos negros, um suntuoso Teatro Municipal recém-inaugurado em Manaus, ou seja, uma situação contrastante e angustiante.

Compondo o clima decadente, lembremos de que em “Judas-Ashverus” não foi aplicada a lente evolucionista, nem evocado o mais forte capaz de resistir e vencer os desafios. Pelo contrário, o autor compõe o conto com o olhar atento e aproximado duma situação sem escapatória para o seringueiro.

Poucas épocas produziram uma arte tão permeada por pessimismos, a despeito dos avanços da modernidade, quanto o final do século XIX e início do XX. Mas se, por um lado essa difusão na arte se dava entre camadas superiores e escolarizadas, por outro, aqueles desprovidos de recursos materiais tinham uma vida inteira para comprovar seu padecimento, sem que pudessem nem mesmo expressá-lo. Àquela altura, só poderíamos acessar tais observações por alguém de fora, como é o caso de Euclides, de fora da situação de miséria.

Ainda que o olhar inicial do autor tenha sido de adesão à República, no sentido de que combatesse qualquer opositor, desde que pôs os olhos nas realidades afastadas da corte, Euclides da Cunha atuou como um tipo de testemunha, tendo prestado assim um serviço, inclusive à literatura brasileira. Na atualidade, em que pese a continuidade das desigualdades, os da periferia tomaram o papel e a caneta também.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Edição Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 2004.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

_____. *Os sertões*. São Paulo: Editora Brasiliense; 1985.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*, Manaus: Editora Valer, 2007

HATOUM, Milton. Expatriados em sua própria pátria, *Caderno de literatura Brasileira* n° 13,14 Instituto Moreira Sales, 2002

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*, Manaus: Imprensa Oficial do Amazonas, 1976.

SANTANA, Tânia de. O Culto a Santos Católicos e a Escravidão Africana na Bahia Colonial, *Revista Aulas*, UNICAMP. N.4 – abril 2007/julho 2007, pp. 1-24.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001

SOUSA, Vanderlei Sebastião. O Naturalismo de Euclides da Cunha: Ciência, Evolucionismo e Raça em *Os Sertões*. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, agosto de 2010 Vol. 7 Ano VII n° 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br acessado em 30 de julho de 2020

TOCANTINS, Leandro. Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido, *Edições Governo do Estado do Amazonas*, Manaus, 1966, volume VIII, In: Trechos de uma entrevista de Euclides da Cunha, publicado no *Jornal do Comércio* de 29 de outubro de 1905.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio; 1969.